

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TEREMOS SEMPRE MICHAEL CURTIZ (Parte 1)
14 e 24 de fevereiro de 2025

THE SEA WOLF / 1941

O Lobo do Mar

um filme de Michael Curtiz

Realização: Michael Curtiz / **Argumento:** Robert Rossen, segundo o romance homónimo de Jack London / **Fotografia:** Sol Polito / **Direcção Artística:** Anton Grot / **Música:** Erich Wolfgang Korngold / **Montagem:** George Amy / **Efeitos Especiais:** Byron Haskin, Hans F. Koenekamp / **Intérpretes:** Edward G. Robinson (Wolf Larsen), Ida Lupino (Ruth Brewster/Maud Webster), John Garfield (George Leach), Alexander Knox (Humphrey Van Weyden), Gene Lockhart (Dr. Louis J. Prescott), Barry Fitzgerald (Cooky), Stanley Ridges (Johnson), David Bruce (marinheiro jovem), Francis McDonald (Svenson), Howard Da Silva (Harrison), Frank Lackteen (Smoke)

Produção: Henry Blanke, para Warner Bros / **Cópia:** 35mm, preto e branco, versão original legendada em português, 87 minutos / **Estreia Mundial:** 22 de Março de 1941 / **Estreia em Portugal:** Politeama, 2 de Novembro de 1944; **Reposição:** King, 11 de Agosto de 2000

Publicado em 1904 o romance *Sea Wolf* foi um dos romances mais populares de Jack London, ao lado de *Call of the Wild*, tendo pouco depois despertado o interesse da então nascente indústria do cinema. A sua primeira adaptação teve lugar em 1913, realizada e interpretada por Hobart Bosworth, e onde o próprio escritor tinha um pequeno papel, na figura de um marinheiro. Em 1920 foi a vez de George Melford dirigir nova versão, desta vez com Noah Beery na figura de Wolf Larsen. Seguiu-se a versão de Ralph Ince, com o realizador no papel principal e que foi, salvo erro, a primeira a ser exibida entre nós com o título **O Lobo dos Mares**. Em 1930 tem lugar a primeira versão sonora de Alfred Santell, também mostrada em Portugal com o título mais conhecido de **O Lobo do Mar**. A esta segue-se a que vamos ver e é a mais famosa (e conseguida) de todas. Em 1958 voltaria à tela agora com o título original mudado para **Wolf Larsen/O Lobo do Mar**, numa realização de Harmon Jones e interpretação de Barry Sullivan. Em 1975 voltou à tela desta vez em Itália, **Il Lupo dei Mari/O Lobo do Mar**, de Giuseppe Vari com Chuck Connors, e finalmente em 1997 Stacy Keach daria corpo ao capitão do "Ghost" num filme de Craig T. McDonald. Houve ainda adaptações televisivas e, inclusivé, uma mini-série russa feita em 1991.

O que atrás ficou dito dá conta do interesse que a personagem criada por London despertou. Mas de todas elas a que ficou na memória de todos foi a versão de Michael Curtiz que vamos ver, e onde Edward G. Robinson tem um dos maiores papéis da sua carreira. Como foi muito frequente no tempo do *studio system* nem era ele o actor previsto para o papel. A ideia para a nova versão começou a desenvolver-se em 1937, a partir da vontade manifesta de Mervyn LeRoy em adaptar o romance, para dar o papel de Larsen a... Clark Gable. A Warner, porém, queria Paul Muni no papel e o actor mostrou-se também muito interessado nele, mas queria um argumento novo a ser escrito por Rafael Sabatini, Sidney Howard ou Eugene O'Neill. O projecto encalhou até Henry Blanke o retomar em 1940, para Harry Carey. Como o actor estava comprometido com as filmagens de **The Shepherd of the Hills/O Escravo da Montanha**, de Henry Hathaway, o papel acabaria por ir para Robinson. Diga-se ainda, a título de curiosidade, que George Raft fora o primeiro actor do lote da Warner a ser escolhido para a figura de George Leach, e recusou por

achar que era um papel...secundário (mais uma das muitas recusas, ao lado de **High Sierra/O Último Refúgio**, **The Maltese Falcon/Relíquia Macabra**, etc.).

The Sea Wolf é um dos melhores trabalhos de Michael Curtiz. Mas foge à imagem dominante do realizador como filme de acção. Ao contrário das obras que o tornaram famoso e um dos mais requisitados pela Warner, com os sucessos de bilheteira de **The Charge of the Light Brigade/A Carga da Brigada Ligeira**, **Dodge City/Vida Nova**, **The Adventures of Robin Hood/Aventuras de Robin dos Bosques** e **The Sea Hawk/O Gavião dos Mares**, **The Sea Wolf** é um filme pouco espectacular em termos de acção. Nele Curtiz regressa em parte às origens do seu cinema europeu (Hungria, Alemanha, etc.), marcado que está por um tom expressionista, com a atmosfera sombria e brumosa reflectindo os dramas interiores de cada uma das personagens. De certo modo, o filme inscreve-se mais no cinema “negro” do que no de aventuras, e anuncia outras incursões do realizador naquele género, em particular **Mildred Pierce/Almas em Suplício**. Curtiz aproveitou as técnicas novas das máquinas de “nevoeiro” trazidas para o estúdio (este filme e **Out of the Fog/Acabou o Nevoeiro** de Anatole Litvak foram os primeiros a usar as novas técnicas de efeitos especiais que deram a Byron Haskin e Hans F. Koenekamp uma nomeação para os Oscars) para criar uma imagem que transfigura o real, sublinhando a cada momento um lado fantástico, de verdadeiro pesadelo. Não há imagem do filme que não esteja impregnada dela, atmosfera reforçada pelo trabalho em estúdio (não há um único plano de exteriores em todo ele). A técnica não é usada para o esconder, antes para reforçar a sensação de mal estar, a “*realidade do pesadelo*” como lhe chama Rocco Fumento numa análise do filme (na introdução ao livro com o argumento de Robert Rossen). Muitos dos cenários são os mesmos de **The Sea Hawk** (aliás, foi o sucesso de bilheteira deste filme que fez avançar o projecto e provocou algumas alterações na sua realização), e os cenários de estúdio são facilmente visíveis: detecta-se que as cenas de exteriores no mar são filmadas num tanque, e o plano final é ainda mais transparente, com as águas paradas à vista da ilha. O filme revela, deste modo, os seus artifícios, quase da mesma forma como, muito depois, fará o cinema moderno. Esta exposição é uma das coisas que hoje o valoriza mais, mas já naquele tempo sublinhava o ambiente irreal da aventura. Esta irrealidade, este excesso, não se encontra apenas nos cenários e na realização. A própria interpretação está contaminada por ela. Todas as personagens parecem contaminadas pela loucura do capitão do barco. Mesmo a mais positiva delas, o escritor Humphrey Van Weyden (Alexander Knox, na sua estreia em Hollywood) começa a pouco e pouco a revelar a paranóia do ambiente, como que dando razão a Larsen no primeiro confronto que têm, quando lhe diz que no fim da viagem ele estará transformado, como os outros, num animal brutal e violento. Van Weyden está aqui para servir de revelador para o espectador da personagem de Larsen. Quase todo o filme se limita à oposição dos dois, mesmo em episódios dominados por outros personagens, de que o mais espectacular é o de Louie, o doutor Prescott (Gene Lockhart) quando, do cimo do mastro, denuncia o objectivo da viagem a toda a tripulação, antes de se suicidar. Mas a figura central é, evidentemente, Wolf Larsen, com as suas crises que a pouco e pouco o remetem para a cegueira e a loucura. Esta personagem psicótica toma uma dimensão nova na altura em que esta versão foi feita, tornando-se símbolo, agora, de uma ideologia que ameaçava o mundo e já o lançara para a Segunda Guerra Mundial.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico